

O HOMEM, A MÁQUINA E O MAR: A OBRA DE VICTOR HUGO COMO TESTEMUNHO HISTÓRICO

VICTOR, Hugo. *Os trabalhadores do mar*. Editora Unesp Digital, 2023

Jean C. Santos¹

Considerado um clássico da literatura francesa, o romance “Os trabalhadores do mar”, do escritor e político francês Victor Hugo foi publicado pela primeira vez em 1866. O livro decorreu da experiência de desterro imposta ao autor.² A maior parte do exílio, entre 1855 e 1871, ocorreu em Guernsey, “uma ilha anglo-normanda situada entre a França e a Inglaterra”. Antes, entre 1852 a 1854, Victor Hugo passou por Bruxelas e Jersey. A expatriação foi motivada por sua oposição ao II Império (1852 a 1870), regime iniciado após o golpe de 18 de Brumário, evento que alçou Luís Bonaparte ao trono, rendendo-lhe o título de Napoleão III.³

A edição aqui analisada foi organizada em 2023 pela UNESP. A tradução ficou a cargo de Jorge Coli, historiador e professor emérito da UNICAMP. A versão inicial do romance em português, contemporânea ao lançamento original, foi traduzida por Machado de Assis. Elaborada entre 15 de março e 29 de julho de 1866, por um Machado ainda jovem, com 27 anos, o trabalho não foi uma escolha, mas uma encomenda. Ele fornecia os capítulos para “publicação no Diário do Rio de Janeiro, como folhetim no ano em que o romance foi publicado na França. Esses capítulos foram reunidos logo depois em três volumes”⁴.

Segundo Jorge Coli, dois fatores destacam a necessidade de uma nova tradução: a pressa de Machado em traduzir o romance e os pequenos

¹ Graduando em Licenciatura em História na Universidade Estadual de Feira de Santana. jean.claudio019@gmail.com

² HUGO, Victor. *Os trabalhadores do mar*. Editora Unesp, 2023.p.20; Para a obra original cf. HUGO, Victor. *Les travailleurs de la mer*. Lib. internationale A. Lacroix & Cie, Paris & Bruxelles & Leipzig & Livourne, 1866.

³ SILVA, Luiz Eudálio Capelo Barroso. *O rochedo é a tribuna, a liberdade o brado: os discursos políticos do exílio de Victor Hugo*. 2016. 202 f., Dissertação (Mestrado em Literatura) Universidade de Brasília, Brasília, 2016.p.103. pp.102-3, 106.

⁴ Observação do tradutor, in: HUGO, Victor. *Os trabalhadores do mar*. Editora Unesp, 2023.p.18.

deslizes decorrentes disso, que o levaram a cortar as partes mais complicadas da história; além disso, as divergências de estilo entre os autores também foram um fator importante. Como lembra o historiador, o “estilo dos dois gigantes, Hugo e Machado, não poderia ser mais contrastante. À frase eloquente, envolvente, hipnótica de um opõe-se o estilo enxuto, breve, incisivo, do outro.”⁵ Logo, a escolha por resenhar a edição da UNESP se justifica pela proposta de tradução que priorizou a integralidade e fidelidade linguística aos escritos originais.⁶

Nascido em 1802, no seio de uma família monarquista, Victor Hugo permaneceu alinhado ao *Ancien Régime* por muito tempo. Detentor de prêmios concedidos por Louis XVIII e indicado a *Pair de France* pelo Rei Louis-Philippe I, o autor tinha uma carreira literária consolidada e internacionalmente prestigiada. Como já vimos, a situação mudou devido à sua adesão ao republicanismo, em oposição ao regime de Napoleão III. Essa nova posição política rendeu-lhe quinze anos de exílio.⁷

A militância intelectual de Hugo chamou a atenção de um dos expoentes do movimento comunista, o alemão Karl Marx, que no livro “O Dezoito de Brumário de Luís Bonaparte”, admite que entre os trabalhos que abordam mais ou menos o mesmo assunto, “somente dois são dignos de nota: *Napoléon le petit*, de Victor Hugo, e *Coup d'état*, de Proudhon”⁸. Embora reconhecesse a importância política desta obra, Marx discorda da abordagem, atribuindo-lhe certo psicologismo e falta de percepção dos aspectos mais profundos das lutas sociais daquele tempo.

A avaliação de Marx a respeito do autor não é inadequada. Trata-se de um expoente do romance histórico daquele período. Embora “Os miseráveis” seja a sua obra mais celebrada, “Os trabalhadores do mar” é um romance denso e extenso: a publicação da Editora UNESP conta com 512

⁵ HUGO, Victor. *Os trabalhadores do mar*. Editora Unesp, 2023 p.18.

⁶ Para mais informações sobre os contrastes e proximidades entre Victor Hugo e Machado de Assis, cf. PAZ, Ravel Giordano. Duas montanhas, quatro abismos: as “filosofias da natureza” de Victor Hugo e Machado de Assis. *Estudos Avançados*, v. 17, p. 274-292, 2003.

⁷ SILVA, Luiz Eudásio Capelo Barroso. *O rochedo é a tribuna, a liberdade o brado: os discursos políticos do exílio de Victor Hugo*. 2016. 202 f., il. Dissertação (Mestrado em Literatura) Universidade de Brasília, Brasília, 2016. P.106.

⁸ MARX, Karl. *O 18 de Brumário e Cartas a Kugelmann*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p.13.

páginas, e apresenta um texto rico em descrições e análises sobre a condição dos trabalhadores na França dos XIX.

Desta forma, dentre as possibilidades que o romance oferece, o livro pode ser tomado como fonte e testemunho histórico daquele período. Considerando isto, destaco neste trabalho a visão do autor sobre as relações entre as noções de humanidade, industrialização e natureza. Na análise do romance, considera-se o contexto histórico em que o autor estava inserido, bem como as circunstâncias que o motivaram a produzir a obra.

As diferentes interpretações a respeito das relações entre História e Literatura são debatidas há muito. Opto neste trabalho pela abordagem da História Social, que entende a literatura como testemunho histórico e produto das relações sociais, e não como fruto de um gênio particular ou narrativa deslocada da realidade concreta.⁹

O romance é dividido em três partes-chaves: “O senhor Clubin”, “Gilliatt o matreiro” e “Déruchette”. Cada uma delas foi repartida em 14 livros, compostos por 97 capítulos. A escrita de Hugo evidencia um estilo dramático e meticoloso, apesar de ser construída em passagens curtas. A história contada pelo autor começa um pouco antes do capitão Clubin naufragar a Durande, uma embarcação a vapor de Mess Lethierry. O forte desejo de recuperar a embarcação levou o proprietário a oferecer em casamento sua sobrinha, criada como filha, àquele que resgatasse a máquina. Enamorado pela moça e sozinho na pequena ilha de Guernsey, o marinheiro Gilliatt lança-se no “mar de tormentas” dos rochedos Douvres, em resgate do equipamento.

A chegada de Gilliatt e a sua mãe à ilha de Guernsey, em fuga da França Pós-Revolução de 1798, marca um dos aspectos autobiográficos do livro, inspirado na experiência de expatriação vivida por Hugo. Segundo o escritor: “Vulcões lançam pedras e revoluções lançam pessoas. Famílias são assim enviadas para grandes distâncias, desorientadas quando chegam aos destinos, grupos são dispersados e se desintegram (...).” Os expulsos e fugitivos

⁹ Para ver mais: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo A. de Miranda (Orgs). *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 7-8.

“são chamados de emigrados, refugiados, aventureiros.”¹⁰ Numa ilustração das condições desses indivíduos desafortunados, Hugo demonstra os efeitos de um movimento político nacional, nas franjas do Estado. Quem são os refugiados? O que ocorre a eles? Onde chegam e como são recebidos? Para o autor, viviam como cães eternos, sem um lar, que se estabeleciam em locais distantes, sempre com saudade de casa, e que nunca seriam bem-vindos nas novas terras.

Uma questão aparece de forma clara no texto: a preocupação do autor em situar as condições das massas populares perante a situação política na França. Hugo narra a negociação entre um armeiro e um contrabandista. Na negociação, é feita a solicitação de seis Luíses por uma arma, e o outro homem retruca oferecendo seis napoleões.¹¹ Em seguida, ocorre o seguinte diálogo: “– Então, não é bonapartista? Prefere um Luís a um Napoleão! – Napoleão é melhor, disse ele, mas Luís vale mais.”¹² A discussão sobre ser bonapartista levantava questões morais para os cidadãos franceses, ora, quem iria preferir a “farsa”?¹³

A expressão do texto como documento histórico apresenta um cenário oitocentista em que: “Nenhum homem era mais Bourbon, mais bonapartista, mais absolutista, mais liberal, mais ateu e mais católico. Pertencia a esse grande partido, que podemos chamar de partido Lucrativo.” O que dialogava com a situação das pessoas que saíam da França em busca de melhores condições de vida, já que “Durante os primeiros sete ou oito anos após o retorno dos Bourbons, o pânico estava em toda parte.”¹⁴

Se o posicionamento político das personagens não passa despercebido nos escritos de Hugo, muito menos sua análise sobre os acontecimentos históricos.¹⁵ Neste caso, a Revolução Industrial, como marca da ascensão do

¹⁰ HUGO, Victor. *Os trabalhadores do mar*. Editora Unesp, 2023. pp.33-4.

¹¹ Luíses e Napoleões eram moedas correntes.

¹² HUGO, Victor. *Os trabalhadores do mar*. Editora Unesp, 2023. p.181.

¹³ MARX, Karl. *O 18 de Brumário e Cartas a Kugelmann*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p.21.

¹⁴ VICTOR, Hugo. *Os trabalhadores do mar*. Editora Unesp, 2023. p.139.

¹⁵ MARQUES, Leonardo. O tráfico interestadual de escravos nos Estados Unidos em suas dimensões globais, 1808-1860. *Tempo*, v. 23, p. 339-359, 2017.p.3.

capitalismo na França, permeia todo o livro. Tão importante quanto é a acumulação primitiva resultante da escravidão nas Américas.¹⁶

Os Estados Unidos da América (EUA), recém independente e emergente núcleo econômico, aparecia para os cidadãos franceses do século XIX, como a terra dos sonhos de investimentos. O autor francês apresenta essa leitura por meio da oferta de um reverendo a Mess Lethierry. Na sua perspectiva, a oportunidade de “(...) restaurar sua fortuna nos Estados Unidos é ainda melhor do que na Inglaterra.”¹⁷ Essa facilidade resultava da escravidão, com o tráfico externo abolido desde 1808. A escravidão passou a operar com a reprodução interna de escravizados.¹⁸ Para lucrar nesse sistema, “(...) se quisesse multiplicar o que lhe restava, bastaria adquirir ações da grande companhia de exploração das plantações no Texas, que empregava mais de vinte mil negros.”¹⁹

A acumulação primitiva, como manifesta em seu texto, é entendida por Victor Hugo como parte do complexo homem, máquina e natureza. O livro, de modo geral, alude a uma das três lutas que o ser humano enfrenta na vida: a luta contra a natureza. Diante da necessidade de produzir suas condições de existência, os sujeitos veem a natureza como espaço inóspito e hostil, mas indispensável à sobrevivência.²⁰

A chegada do navio a vapor de Mess Lethierry a Guernsey causou alvoroço. As personagens encaravam e interpretavam as mudanças causadas pela industrialização e se posicionavam a partir dela. O desprezo e a curiosidade, pautados num conservadorismo cristão, são narrados. A chegada foi diagnosticada como “(...) UMA NOVIDADE PRODIGIOSA UM NAVIO A VAPOR nas águas da Mancha em 182... Toda a costa normanda ficou alarmada por muito tempo.”²¹ A recusa à maquinaria é um ponto de

¹⁶ CAFIERO, Carlo. “O Capital”: uma leitura popular. 2^a ed. São Paulo, editora polis, 198. pp.117-38; MARX, Karl. *O capital: Crítica da Economia Política: Livro I*. 23^º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. Tradução de Reginaldo Sant’Anna. pp.827-30.

¹⁷ HUGO, Victor. *Os trabalhadores do mar*. São Paulo: Unesp digital, 2023. p.258.

¹⁸ BLACKBURN, Robin. *A queda do escravismo colonial: 1776-1848*. Rio de Janeiro: Record, 2002. Tradução de: Maria Beatriz de Medina. p.296.

¹⁹ HUGO, Victor. *Os trabalhadores do mar*. São Paulo: Unesp digital, 2023. p.258.

²⁰ As outras duas, a religião e a sociedade, perpassam no “Corcunda de Notre Dame” e nos “Miseráveis”. In. HUGO, Victor. *Os trabalhadores do mar*. São Paulo: Unesp digital, 2023. p.21.

²¹ HUGO, Victor. *Os trabalhadores do mar*. Editora Unesp, 2023. p.75.

interesse para Hugo. A exaltação que ele faz de *Gilliatt*, por ser um marinheiro comum que se mistura à natureza, contrasta com a dependência de *Lethierry* à máquina.²²

Outro fator destacado na obra é a “luta da sociedade”. O autor se aprofunda em reflexões sobre política e moral ao longo da obra, de forma que compreender as contradições, atitudes e posicionamentos de personagens como *Clubin*, *Mess Lethierry*, *Déruchette* e *Gilliatt*, direciona o caminhar do romance. Situado há quase dois séculos, o plano de fundo do romance reflete o cenário político experienciado por Hugo: a França pós-Guerra Napoleônica e a Grã Bretanha da Primeira Revolução Industrial.²³

A máquina surge no romance como ferramenta da luta do homem contra a natureza. Esse combate é descrito sem que a disparidade entre a natureza e a máquina seja esquecida. O vapor pesa na balança, tenta igualar as coisas, de forma que “Diminui a obediência ao vento e aumenta a obediência ao homem”. Se o vapor “zombava do vento e da maré”, a natureza respondia à competição com artimanhas.²⁴ O naufrágio da *Durande* torna evidente que o mar não se deixaria dominar. As rochas *Douvres* levaram o navio a vapor, e o polvo levou o falsário *Clubin*.

Com isso, a grande questão é: o marinheiro antiquado e obsoleto – representante das classes populares – em relação à maquinaria, se via incumbido de salvar a máquina e defrontar a natureza numa feroz luta. Esse enfrentamento seria o único meio de conquistar dignidade, por meio do sacrifício e do heroísmo.²⁵ A passagem de *Gilliatt* pelos rochedos do naufrágio durou cerca de três meses. Durante esse trimestre, o marinheiro teve de encarar fome, frio, tempestade, e até um polvo.

²² CIOCCARI, Marta. Entre o mar e o rochedo: uma análise antropológica sobre as noções de natureza em *Os trabalhadores do Mar* de Victor Hugo. *Cadernos de Campo* (São Paulo-1991), v. 18, n. 18, p. 29-46, 2009. p.3; FRIZZO, Matheus Kochani. Os impactos do progresso nos mundos natural e social na obra *Os Trabalhadores do Mar*, de Victor Hugo. *Revista Cadernos de Clio*, v. 8, n. 2, 2017. pp.12-14.

²³ MORETTO, Fúlia Maria Luiza. Victor Hugo e o Romantismo. *Revista Lettres Française*, São Paulo: Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Departamento de Letras Modernas, Campus de Araraquara, nº 5, 2003, p. 9-18.

²⁴ HUGO, Victor. *Os trabalhadores do mar*. Editora Unesp, 2023. respectivamente pp.207,478.

²⁵ CIOCCARI, Marta. Entre o mar e o rochedo: uma análise antropológica sobre as noções de natureza em *Os trabalhadores do Mar* de Victor Hugo. *Cadernos de Campo* (São Paulo-1991), v. 18, n. 18, p. 29-46, 2009. P.29.

No livro, há uma ambiguidade na relação entre o homem e a natureza.²⁶ Entretanto, para Hugo, o que torna *Gilliatt* especial na narrativa é a sua capacidade de moldar e transformar a natureza. A sobrevivência na luta não se faz na mistura, mas pela diferença. O que o torna humano é o que o distingue do inumano: a capacidade de transformação. O marinheiro atribui aos rochedos uma nova função: a de porto seguro. Com o material que tem, cria uma comporta para suportar a tempestade e muda a estrutura do local, utilizando-a contra a própria natureza.²⁷

A significância da trama de *Gilliatt* se dá a partir do contexto histórico em que Hugo cria o herói. O mundo encarava a chegada das máquinas, junto com o ímpeto capitalista. A riqueza, o poder, a moral, são descritas no livro, a partir da maquinaria, por exemplo, a arma do capitão, o navio a vapor e o dinheiro. O amor e os desejos estavam condenados, no livro, a estes objetos. *Lethierry* foi capaz de oferecer em casamento a sobrinha criada como filha ao homem que resgatasse sua máquina. Clubin era capaz, por dinheiro, sem qualquer receio de naufragar os sonhos de um homem junto com o navio.

O texto exprime como tese principal a crítica à ascensão dessa nova forma de vida, dependente das máquinas e obcecados por dinheiro e títulos. *Gilliatt* é o trabalhador comum, imigrante indesejado, que vive do labor. Sem paixão pelo dinheiro ou pelas máquinas que começavam a tomar a ilha, queria ser apenas um homem. Para Hugo, a simplicidade, que é o real valor, poderia fazer o inexplicável. *Gilliatt* não tinha ambições capitalistas, não era máquina, assim como não era natureza, apesar de preferir ser. Como *Fabiano* em “Vidas secas”, era mais próximo de bicho do que de homem, era ele a personificação do trabalho.²⁸ Sobrevivente no grande combate entre máquina e natureza, que era a navegação e a tecnologia, a aventura de *Gilliatt* terminou, devorado pelo mar e pelo desamor.

²⁶ FRIZZO, Matheus Kochani. Os impactos do progresso nos mundos natural e social na obra Os Trabalhadores do Mar, de Victor Hugo. *Revista Cadernos de Clio*, v. 8, n. 2, 2017.P.16.

²⁷ Segunda parte – *Gilliatt*, o matreiro; Livro segundo: O Labor - Capítulo VII - IMEDIATAMENTE, UM PERIGO in. HUGO, Victor. *Os trabalhadores do mar*. Editora Unesp, 2023. p.207 p.347-350.

²⁸ Para mais informações sobre o personagem, conf. Capítulo “*Fabiano*” in. RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Editora Record, 2020.

Afinal, a máquina é realmente a grande inimiga da natureza? Hugo suscita dúvidas sobre essa questão. O vapor não respeita as condições impostas pelo meio ambiente e, com isso, gera riquezas descomunais. A fortuna gera ganância, e os corações dos homens se apaixonam por construtos de ferro e carvão. Nos escritos do autor, há uma crítica às figuras que representam a sociedade francesa e inglesa do século XIX.

Entretanto, nesta perspectiva, as máquinas não são um problema; quem as monopoliza, sim. A crítica de Hugo deveria estar direcionada ao monopólio; porém, a máquina estava condenada à destruição pela fúria da natureza, assim como, em outro momento, foi vítima da fúria ludita.²⁹ Para Hugo, a revolução é como um vulcão que entra em erupção de forma caótica e imprevisível. No entanto, Marx criticou essa visão quando Hugo interpretou o golpe de Luís Bonaparte, no livro “Napoléon lê Petit”. Segundo o autor alemão:

Victor Hugo limita-se a amargas e engenhosas invectivas contra o editor responsável do golpe de Estado. Quanto ao próprio acontecimento, parece, na sua obra, um raio que caísse de um céu sereno. Não vê nele mais do que um acto de força de um só indivíduo. Não se apercebe que aquilo que faz é engrandecer este indivíduo em vez de o diminuir, ao atribuir-lhe um poder pessoal de iniciativa sem paralelo na história universal.³⁰

Como todo documento histórico, a obra carrega a intenção do autor. Ela carrega posicionamentos políticos e posturas morais. “Os trabalhadores do mar” não é uma exceção à regra. A obra constrói a ideia de trabalho e dignidade a partir de Gilliatt, em contraposição à riqueza e ao domínio das máquinas por Mess Lethierry, posicionando o autor dentro do contexto do período da revolução industrial. Dessa forma, o trabalhador comum e esforçado era o sujeito apto a encarar a natureza.

Referências bibliográficas:

BLACKBURN, Robin. *A queda do escravismo colonial: 1776-1848*. Rio de Janeiro: Record, 2002. Tradução de: Maria Beatriz de Medina.

²⁹ CF. HOBSBAWM, Eric J. Os destruidores de máquinas. In: HOBSBAWM, E. *Os trabalhadores: estudos sobre a história do operariado*. tradução de Maria Leão Teixeira Viriato de Medeiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

³⁰ MARX, Karl. *O 18 de Brumário e Cartas a Kugelmann*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p.14.

CAFIERO, Carlo. “O Capital”: uma leitura popular. 2^a ed. São Paulo, editora polis, 1981, 150p.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo A. de Miranda (Orgs). *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CIOCCARI, Marta. Entre o mar e o rochedo: uma análise antropológica sobre as noções de natureza em *Os trabalhadores do Mar* de Victor Hugo. *Cadernos de Campo* (São Paulo-1991), v. 18, n. 18, p. 29-46, 2009.

FRIZZO, Matheus Kochani. Os impactos do progresso nos mundos natural e social na obra *Os Trabalhadores do Mar*, de Victor Hugo. *Cadernos de Clio*, Curitiba, v. 8, n. 2, 2017.

HOBSBAWM, Eric J. *Os trabalhadores: estudos sobre a história do operariado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. Tradução de: Maria Leão Teixeira Viriato de Medeiros.

HUGO, Victor. *Les travailleurs de la mer*. Lib. internationale A. Lacroix & Cie, Paris & Bruxelles & Leipzig & Livourne, 1866.

HUGO, Victor. *Os trabalhadores do mar*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. Tradução de: Machado de Assis.

HUGO, Victor. *Os trabalhadores do mar*. São Paulo: Unesp digital, 2023. Tradução de: Jorge Coli.

MARQUES, Leonardo. O tráfico interestadual de escravos nos Estados Unidos em suas dimensões globais, 1808-1860. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 23, p. 339-359, 2017.

MARX, Karl. *O 18 de Brumário e Cartas a Kugelmann*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. Tradução de: Leandro Konder e Renato Guimarães.

MARX, Karl. *O capital: Crítica da Economia Política: Livro I*. 23^o ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. Tradução de Reginaldo Sant'Anna.

MORETTO, Fúlia Maria Luiza. Victor Hugo e o Romantismo. *Revista Lettres Française*, São Paulo: Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Departamento de Letras Modernas, Campus de Araraquara, nº 5, 2003, p. 9-18.

PAZ, Ravel Giordano. Duas montanhas, quatro abismos: as "filosofias da natureza" de Victor Hugo e Machado de Assis. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, p. 274-292, 2003.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 120^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

SILVA, Luiz Eudásio Capelo Barroso. *O rochedo é a tribuna, a liberdade o brado: os discursos políticos do exílio de Victor Hugo*. 2016. 202f., Dissertação (Mestrado em Literatura) Universidade de Brasília, Brasília, 2016.